

Passeio pelo céu

SHANE PEACOCK

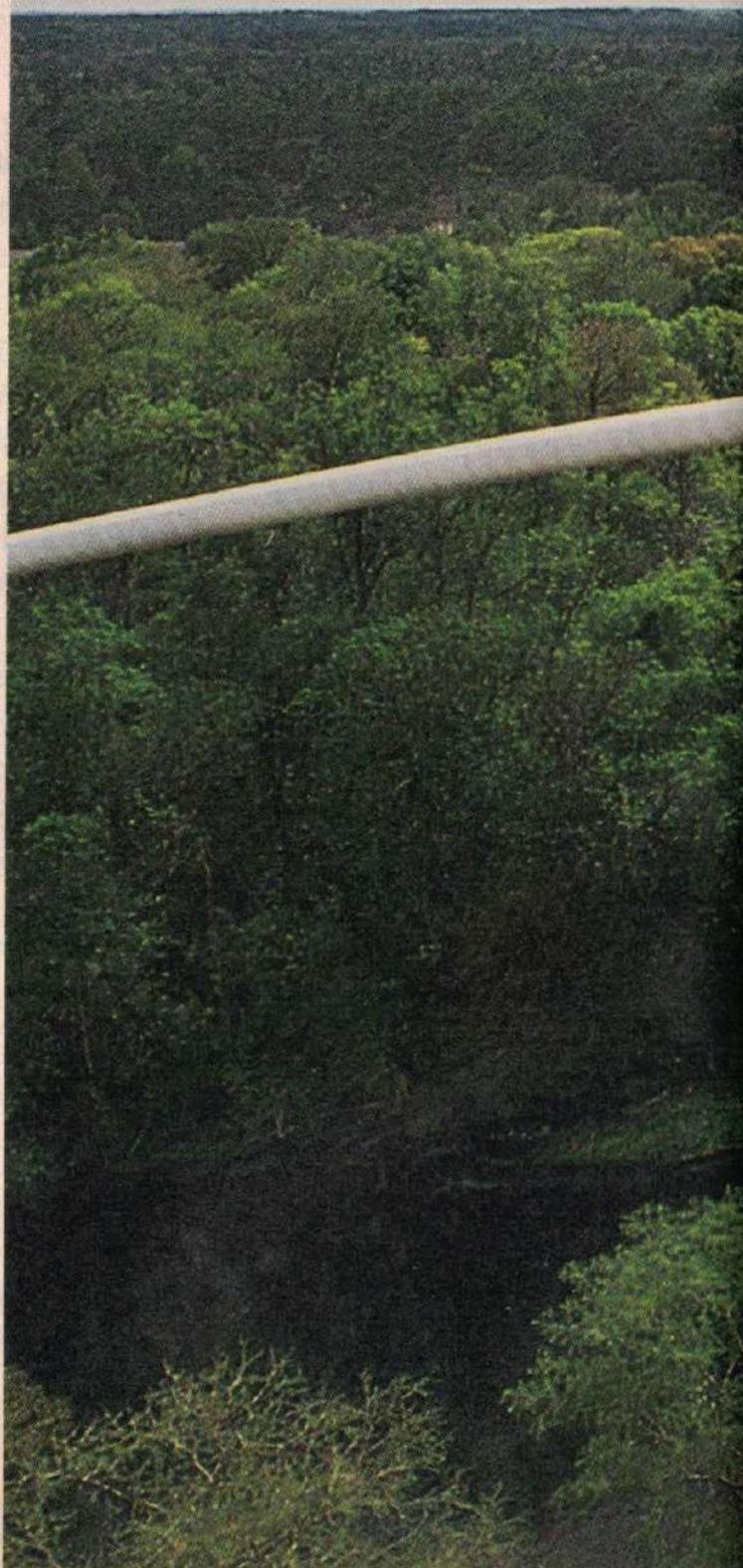
O medo, que o mantém na corda, é o limite

ESTOU DEITADO de costas no verde gramado do parque Silver Springs, Flórida. Sob o sol forte, barcos deslizam pela serena superfície da nascente de água doce. A uns 60 metros de altura, o homem, um pontinho no céu, anda sobre a corda de aço da largura de um dedo indicador.

Estou aqui para testemunhar a incrível arte de andar em cordas, feita por uma das poucas pessoas do mundo que a dominam: Jay Cochrane, há 25 anos veterano de inigualável experiência. Ele já *morou* numa corda durante 21 dias e noites. Já andou cerca de 4 quilômetros sem parar. Em outubro de 1995, cruzou, a 414 metros de altura, os 677 metros do desfiladeiro do Rio Yangtze, na China.

Quando pisa na corda, hoje, a multidão de milhares de espectadores fica em silêncio. Cochrane, esguio e músculos rijos aos 54 anos de idade, move-se lenta e deliberadamente, um pé virado para baixo, o outro sobre a corda.

Primeiro encosta o dedo, sentindo a





corda; depois, escorrega para a frente, como um bailarino. Dobra os joelhos e inclina-se para trás, movendo-se pela corda um pouco curva. Os sapatos de couro e sola de borracha movimentam-se com artística precisão, e ele parece flutuar contra as nuvens.

“Ele vai cair?”, perguntam as crianças. Alguns apenas olham de boca aberta. Lembro-me de como Cochrane descreve seu risco ocupacional: “Não nos ferimos”, diz asperamente. “Morremos.”

Aqui na América, onde estrelas de filmes de ação são gigantes da cultura popular, um passeio pelo céu é, com frequência, considerado acrobacia ridícula. No entanto, aprenda um pouco sobre ela, e a apreciará como antiga arte que mistura atletismo, conhecimentos de engenharia, coragem e confiança. Os romanos a chamavam de *funambulismo*, do latim *funis*, corda, e *ambulare*, caminhar.

Jay Cochrane era um menino de 8 anos, em Ontário, Canadá, quando viu, pela primeira vez, um homem saltar na corda. Imediatamente, disse à mãe: “É isso que serei quando crescer.”

Logo estava caminhando sobre cabos de vassoura entre as cadeiras da cozinha. Depois, tentou o varal. Aos 14 anos, fugiu com os Hannefords, trupe americana de acrobacias aéreas e

equêstres. Começando como cavalaricho e limpador de estreme, chegou ao trapézio e à corda bamba.

Em 1965, aos 23 anos, caiu de uma corda, colocada de maneira imprópria, a 21 metros de altura. Quebrou pernas, pés, braços, pélvis e costelas. Quando voltou a se apresentar, depois de quatro anos, não podia mais trabalhar no trapézio, devido à falta de força e flexibilidade nos calcanhares e dedos. Então, concentrou-se na corda.

Certo patrocinador convidou-o a fazer a principal caminhada em 1975, sobre uma rua de Toronto, a 134 metros de altura. Cochrane concordou – até a hora da apresentação. “Fiquei apavorado”, lembra.

Não precisa fazer isto, disse a mim mesmo na beira do prédio. Depois, fitou os milhares de espectadores lá embaixo, e viu que não tinha escolha.

Fechou os olhos e pisou na corda. Quando os abriu outra vez, não sabia a que distância do prédio estava. Então, deu uma olhadela para a frente, concentrando-se na caminhada. Foi a lição que nunca esquecerá. “A vida é uma corda bamba”, gosta de dizer. “Um passo de cada vez – sem virar para trás.”



Há diferenças importantes entre andar na corda dentro de um circo e a rara arte de passear pelo céu. Em ambientes fechados, as cordas geralmente são esticadas como as de um violino, nunca a mais de 30 metros de altura. Com experiência, o acrobata desenvolve rotina confortável.

No céu, todavia, nada é típico. Montadas em torres de sustentação ou numa variedade de estruturas (inclusive os edifícios mais altos do mundo), as cordas cedem no meio, parecendo grande sorriso. Além da enorme altitude, variáveis como vento e água refletindo o sol fazem de cada caminhada desafio único.

Desde o tombo, Cochrane passou a construir o próprio aparato, e discute detalhes técnicos com vocabulário de engenheiro. “O princípio da edificação de uma caminhada é o mesmo de

uma ponte suspensa”, explica, “só que em vez de ser preso em cima, é embaixo.”

As torres de 60 metros de altura sobem primeiro. Depois, Cochrane corre um cabo de aço galvanizado por elas. Em cada extremo, a corda é unida a uma âncora – recipiente metálico de 70 toneladas, cheio de lama.

As pontas ou partes descendentes da corda fora das torres são três vezes mais longas que a parte central, para aumentar a estabilidade. Linhas-guia são presas ao pedaço principal da corda a cada 10 metros. Durante a caminhada, assistentes puxam cada linha quando Cochrane se aproxima, para evitar balanço.

Ouve-se murmúrio na multidão quando Cochrane desce da corda. Ele carrega uma estaca de 22 quilos e 10 metros de comprimento. Seus olhos estão fixos num ponto, a cerca de 5 metros à frente. Às vezes, a corda balança. “Você deve prestar atenção à corda”, explica. “É ela que o deixa ficar ou o faz cair.”

No fundo da catenária, ele caminha ereto. No chão, assistentes puxam com leveza as escoras, para aumentar a estabilidade. Cochrane acompanha os movimentos. No meio da corda, levanta um braço e uma perna, em continência. Aqui embaixo, pessoas gritam e aplaudem.

Cochrane admite sentir um pouco de medo, a cada vez que anda. Porém, nunca se deixa enfraquecer por ele. Faz do medo o seu limite, aquilo que o mantém na corda.

Se está ventando demais, Cochrane, verdadeiro cata-vento, com sexto sentido sobre seu maior inimigo, não sobe. Os cancelamentos são baseados em intuição e experiência, e não na velocidade do vento; mas algo próximo a 32km/h o faz pensar. Também se deve evitar umidade na corda. A chuva é grande estraga-prazeres.

Uma vez na corda, Cochrane não é palhaço ou acrobata. “Não há graça nenhuma em ficar no ar”, conta. Monitorando as condições do tempo e manejando o próprio material, ele confia que pode minimizar riscos. Não é somente sua vida que está em jogo. Uma queda sobre a multidão pode ser desastrosa.

Numa carreira que até agora teve

caminhadas em mais de 100 locais – sobre estádios, entre arranha-céus, na Disney World –, Cochrane nunca ameaçou cair. E nenhum outro caminha com tanta frequência em altitudes tão assustadoras.

Por que faz isso? Andar na corda é sua maneira de adquirir confiança e tentar instilá-la nos outros. “Sou capaz de fazer algo que bilhões de outras pessoas não conseguem”, diz. “Talvez possa dar-lhes um pouco de coragem. Elas esperam que eu vacile, mas fico lá, firme.”

Na última parte da corda ele desliza, silencioso e mágico como antes, inclinando-se para a frente como se subisse uma montanha. Logo após, a menos de 20 minutos do início, termina. Enquanto desce a torre para os aplausos, olho para trás, para o incerto fio no céu, tão complexo e ao mesmo tempo tão simples, e me pergunto se ele realmente fez aquilo.



Faz de conta

QUANDO PASSEÁVAMOS NO nosso barco de pesca de 10 metros, eu tentava ensinar à minha mulher como manejá-lo, para o caso de haver alguma emergência. Ela sempre preferia absorver o sol, em vez de minhas instruções.

No final de um passeio, quando estávamos voltando para casa a todo vapor, larguei os controles e disse:

– Faça de conta que estou tendo um ataque do coração. Você tem de assumir os controles, levar o barco para terra e amarrá-lo. – Ela fez tudo direito enquanto eu ficava ali, respondendo a suas perguntas.

Naquela noite, eu estava descansando no sofá quando minha esposa veio da cozinha, onde havia preparado o jantar. Sentando-se ao meu lado e pegando parte do jornal, ela disse:

– Faça de conta que estou tendo um ataque do coração. Você tem de acabar de preparar o jantar, limpar tudo e lavar a louça.

Drew Fine